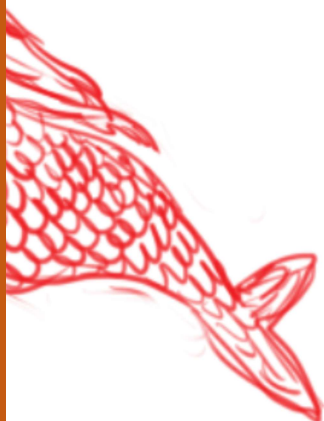




# Arquivos & Educação

**Experiências e pesquisas  
brasileiras em diálogo**



**Ivana Denise Parrela  
Adriana Carvalho Koyama  
(organizadoras)**

**SIMPÓSIO TEMÁTICO ARQUIVOS & EDUCAÇÃO**

# **ARQUIVOS & EDUCAÇÃO**

**Experiências e pesquisas brasileiras em diálogo**

# ARQUIVO E EDUCAÇÃO:

## começo de conversas

### **PARRELA, Ivana Denise**

Historiadora, Doutora em História pela UFMG  
Professora adjunta do Departamento de Teoria e Gestão da Informação da  
Escola de Ciência da Informação da UFMG. Atual coordenadora do Curso de Arquivologia

### **KOYAMA, Adriana Carvalho**

Historiadora, Doutora em Educação pela Unicamp  
Pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC)  
do Departamento de Práticas Culturais da Faculdade de Educação – Unicamp

Esta coletânea reúne um conjunto de trabalhos produzidos para debate e apresentação no Simpósio Temático Arquivos & Educação, realizado como evento paralelo do VII Congresso Nacional de Arquivologia, em Fortaleza (CE), de 17 a 21 de outubro de 2016. A intenção de organizar o evento foi fortalecer a proposição da educação em arquivos como um campo de investigação plural, multidisciplinar e em construção. Buscamos criar um espaço para o debate sobre essa temática, compreendendo que a educação em arquivos é uma prática, de certo modo, antiga nos arquivos públicos, mas com pouco espaço para reflexão sobre suas experiências, métodos e referenciais teóricos.

Os textos a seguir foram escritos por profissionais e pesquisadores em diferentes momentos de sua formação acadêmica e de sua experiência de trabalho. A pluralidade de olhares, objetos de trabalho e métodos nos permite compreender que as fragilidades eventuais de cada um são minimizadas ao percebermos o movimento que o conjunto possibilita para pensarmos a educação nos e pelos arquivos. Trata-se de contribuições reflexivas de profissionais de arquivo, educadores e professores de Ciência da Informação sobre o tema e de pesquisas acadêmicas, as quais percebidas em perspectiva, expressam diálogos plurais e significativos, tanto em sua amplitude geográfica, colocando em cena experiências de diversas regiões do País, como em suas abordagens, questões, problemas e referenciais teóricos e metodológicos.

Parte dos trabalhos toma como referência, em sua concepção de educação patrimonial, a perspectiva construída pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), especialmente após a publicação do *Guia Básico de Educação Patrimonial* (1999), do Museu Imperial, pelo grupo criado nesta instituição capitaneado por Maria de Lourdes Parreira Horta, que propôs uma compreensão da educação patrimonial como alfabetização cultural. Mais diretamente relacionadas ao tema nos arquivos estão as citações aos trabalhos de Heloísa Liberalli Bellotto publicados de forma sistemática a partir dos anos de 1990 em livros e artigos. A autora, referência sobre o tema no Brasil, parte da concepção francesa de “animação cultural” nos arquivos, na qual se enquadrariam as ações educativas.

As definições de patrimônio, compreendido como herança comum a ser compartilhada e/ou como artefatos de memória mobilizados para dar sentimento de pertencimento a um grupo social, são trazidas nos trabalhos apresentados, em especial, a partir das reflexões de J. Le Goff e P. Nora sobre a memória e seus lugares. Destaca-se nos trabalhos a interrogação sobre o que se preserva como patrimônio, emergindo, de forma tendencialmente hegemônica, a concepção de que o que se preserva e o que sobrevive é o que se escolhe para preservar (LE GOFF, 1990, p. 283). Como na discussão sobre educação patrimonial, percebemos aqui um forte diálogo conceitual com as obras que

refletem sobre “espaços de memória” e, entre elas, aquelas que se debruçam sobre a educação em museus.

Voltando a partir dessas reflexões, ao campo específico dos arquivos, podemos nos interrogar sobre as questões relativas à monumentalização dos documentos que as próprias ações dos arquivistas promovem em exposições, publicações e, atualmente, espaços virtuais de seus sites ao difundirem os acervos de forma descontextualizada e sem dar a conhecer à sociedade que aquilo que oferecem não é todo o conjunto dos documentos de um fundo ou série e nem mesmo sobre um tema, como nos alertam os trabalhos de Adriana Carvalho Koyama.

Tais tensões expressam-se nos debates recentes de profissionais de arquivologia que têm questionado a aura de isenção, objetividade e neutralidade das intervenções do arquivista no processo de eleição de patrimônios documentais e nas ações educativas propostas a partir de peças documentais avulsas retiradas de seu contexto de produção, que têm sido eleitas sistematicamente para o trabalho pedagógico e/ou de difusão de acervos.

No que se refere à produção de conhecimento potencializada pelos acervos, percebemos nos diálogos entre os trabalhos uma abertura para a contemplação de importantes questões epistemológicas da contemporaneidade. Nessa perspectiva, podemos dialogar com Kaplan<sup>1</sup>, ao se interrogar sobre as práticas e produções acadêmicas recentes, considerando que a arquivologia e os arquivistas mantêm, tendencialmente, uma postura positivista em relação ao trabalho nas instituições, enquanto outras ciências humanas e sociais, como a antropologia – com as quais a arquivologia divide preocupações com a descrição ou a autenticidade, por exemplo – avançaram, desde a década de 1980, no sentido de reconhecer sua subjetividade e intervenção nos processos de constituição do conhecimento.

Essas questões, também levantadas por outros autores, como Étienne Anheim e Olivier Poncet (2004), vêm sendo abordadas internacionalmente, inclusive na perspectiva da constituição dos chamados “*grassroots archives*” e/ou das relações entre acervos documentais e memórias sensíveis. São preocupações expostas em algumas das pesquisas desta coletânea, e contribuindo para esse debate ao debruçar-se sobre os arquivos da polícia política como fonte de pesquisa. Ana Maria de Almeida Camargo ressalta:

---

<sup>1</sup> KAPLAN, Elisabeth. Many Paths to Partial Truth: archives, anthropology and the Power of representation. *Archival Science*. 2002, n.2, p. 209-220.

Aceitar que o conhecimento é *poiesis* e precisa ser entendido sempre como construção, isto é, como superação de evidências, não faz com que os documentos de arquivo percam, entretanto, a qualidade especular que os distingue dos demais, e que permite reconhecer o acontecimento ou a ação de que são correlatos (CAMARGO, 2002).

Palco de guerras simbólicas importantes, tal discussão tensiona imagens bastante presentes socialmente, em especial nos arquivos, nas escolas e nas universidades. A partir das construções positivistas e historicistas, emerge a imagem de que nos arquivos se guardam a história e as memórias sociais. Tal concepção se desdobra da proposição de que tais memórias e história podem – e devem – ser transmitidas por meio das ações educativas e da difusão do acervo.

Na direção oposta, a afirmação da especificidade dos acervos arquivísticos tal como defende Camargo, interroga o relativismo radical engendrado pelos deslocamentos epistemológicos do final do século XX e a concepção, tendencialmente prevalecente, de que o conhecimento se reduz a processos de produção de sentido e de interpretação.

Nesse campo de disputas teóricas e metodológicas relativas à produção de conhecimento na relação com acervos documentais, podemos nos remeter às declarações recentes de Sanjay Subrahmanyam<sup>2</sup> ao responder à pergunta: O principal ofício de um historiador é lembrar? Ele afirma que não. Para ele a função do historiador não é necessariamente acreditar na memória. Frequentemente, repetimos que é necessário valorizar a memória, mas esse não é o trabalho de um historiador. Quanto muito, é o de uma comunidade ou de um grupo de pessoas. Para o autor, o historiador tem de jogar contra a memória, para ver como ela foi construída, porque também este é um processo histórico. De modo similar, podemos nos deslocar em relação à concepção do arquivo como depósito de memória de uma comunidade, pensando em seu acervo como um repositório confiável, para buscar estímulos às lembranças. O arquivista, o educador e/ou historiador na instituição arquivística trabalham de forma multidisciplinar e transdisciplinar, oferecendo um conjunto de suas escolhas para fomentar as pesquisas sobre o acervo sob custódia da instituição. Tais profissionais podem estimular abordagens e usos distintos do arquivo, de modo democrático, garantindo, ao mesmo tempo, o acesso aos acervos documentais pelo seu valor de prova e testemunho, como também para fruição e a produção de conhecimento educacional, sociocultural e acadêmico.

Nos trabalhos apresentados, a abordagem da educação em arquivos, percebida a partir das lentes da educação patrimonial, ganha significados plurais na leitura do conjunto das reflexões. Em alguns trabalhos, é tomada como processo de alfabetização cultural para

---

<sup>2</sup> Entrevista de Sanjay Subrahmanyam a Luísa Meireles, **O império português era um império em rede**, 27/08/2016. Expresso. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-08-27>.

o trato com os acervos documentais ou, mesmo, para a compreensão do passado, da história, e para a transmissão da memória. Tais abordagens são interrogadas por experiências e reflexões que propõem a aproximação entre as memórias e as inquietações da comunidade e os acervos custodiados pelos arquivos, criando imagens dialogais. Ainda nessa direção, experiências de construção de recortes e percursos especialmente voltados a temas sensíveis e politicamente significativos para o fortalecimento dos sujeitos sociais, em ações afirmativas relativas às memórias e histórias afro-brasileiras, criam no presente outros encontros com o passado, singulares e esperançosos de outros futuros sociais.

Paulo Freire inspira muitos dos autores em seus movimentos de reconhecimento dos conhecimentos populares sobre o passado e seus legados: patrimônios, o presente, e sua (res)significação para (os sonhos de) outros futuros. Nesses movimentos, alguns dos trabalhos tensionam a concepção de sujeito pressuposta pela ideia de alfabetização cultural, afirmando os sujeitos sociais como produtores de conhecimento em seu sentido pleno, sujeitos cujos saberes, socialmente constituídos, podem dialogar com os registros documentais para a produção de novas abordagens sobre tais acervos. Além de Freire, os trabalhos dialogam com autores que refletem sobre as tramas entre a experiência, a educação e a construção do conhecimento, por exemplo: Antonio Nóvoa, Tomaz Tadeu da Silva, Dewey e Vygotsky. A mediação é abordada a partir de diferentes matrizes disciplinares e epistemológicas em um dos trabalhos, oferecendo-nos um panorama complexo e original.

Em comum, os autores desta coletânea buscam ampliar as formas de aproximação entre os arquivos e a educação, considerando os acervos em suas potencialidades de diálogo com os sujeitos sociais, na educação formal, não formal e, mesmo, informal. Em seu conjunto, os trabalhos nos convidam a refletir sobre grandes desafios da educação em arquivos. Entre eles está a busca pelo reconhecimento da educação como área de conhecimento complexa, com contribuições potenciais para a ampliação significativa das possibilidades das abordagens educativas em arquivos. Destacamos a interrogação sobre perspectivas de educação que ultrapassem práticas escolares prevaletentes, ligadas à racionalidade técnica, instrumentalizadas, e que possam resistir aos apelos sedutores de práticas que se espelham nas mídias para produzir atividades de consumo cultural.

As potencialidades do universo digital para a educação em arquivos são perscrutadas quanto as suas linguagens, conteúdos, desafios e singularidades. A construção de possibilidades de mediação capazes de contribuir para a ampliação da compreensão dos sujeitos sociais quanto às especificidades dos acervos documentais é investigada de forma multidisciplinar e rigorosa, ampliando as interrogações e possibilidades de avanço nas ações educativas de arquivos online e propondo questões significativas

sobre o seu estado da arte atual. Para além dessa perspectiva digital, a mediação é percebida em abordagens de diferentes correntes teóricas e metodológicas, em áreas de conhecimento plurais.

Os movimentos plurais de significação e diálogo com as comunidades na produção de conhecimentos relativos aos acervos documentais estendem-se às experiências e reflexões sobre a educação escolar, ora tomando o espaço da escola como *locus* ora de transmissão da cultura, ora de produção de conhecimentos relativos ao passado.

Os textos interrogam-se sobre questões e problemas relativos à formação para e pela educação em arquivos: formação dos profissionais de arquivo, formação dos sujeitos sociais que recorrem aos arquivos, seus usuários (inclusive nas interfaces virtuais) e formação das crianças. Questionam a formação necessária para pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação e, nas universidades, as potencialidades dos acervos documentais nos movimentos formativos voltados à comunidade acadêmica. Indagam-se sobre as trocas e ressignificações que a circulação social dos acervos potencializa, em especial quanto às possibilidades abertas pela aproximação com a educação popular e a suas relações com as questões étnico raciais.

Trata-se de um mosaico de experiências e reflexões singulares que convidam à aproximação e ao conhecimento das especificidades dos acervos arquivísticos, ao diálogo entre experiências dos sujeitos do conhecimento e patrimônio documental e à análise crítica das práticas monumentalizantes compartilhadas por museus e arquivos em sua expografia. Tudo isso nos instigam à consideração dos sujeitos singulares, com suas experiências e memórias, em seus diálogos com os acervos documentais, problematizando o lugar reservado, nas práticas tendencialmente hegemônicas, a seus usuários e à reflexão sobre as relações com a indústria cultural e suas formas de expressão incorporadas pelos arquivos em suas ações de difusão, entre outros temas relevantes que o leitor é convidado a capturar nas contribuições dos autores para a temática da educação em arquivos.

Concluindo, provisoriamente, compreendemos este conjunto como uma colaboração significativa para esse campo de investigação em construção, em suas possibilidades de encontros, tensionados em suas aproximações, deslocamentos e dissonâncias, entre as abordagens plurais, eleitas pelos autores para refletir sobre esse objeto também em construção, que é o das práticas da educação e arquivos.